

# **CULTURA IORUBÁ NO PODCAST: TECENDO REFLEXÕES NO CONTEXTO DO GÊNERO**

## **JOBSON JORGE DA SILVA**

Mestrando em Educação, Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Graduado em Letras. Universidade de Pernambuco. [jobson.jorge@upe.br](mailto:jobson.jorge@upe.br)

## **VALDÊNIA SABRINA FRAGOSO DE BRITO**

Mestranda em Educação, Especialista em Neuropsicologia, Graduada em Pedagogia. Universidade Federal Rural de Pernambuco. [valdenia.sabrinabrito@upe.br](mailto:valdenia.sabrinabrito@upe.br)

## **DÉBORA AMORIM GOMES DA COSTA-MACIEL**

Doutora em Educação, Docente do Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco. Universidade de Pernambuco. [debora.amorim@upe.br](mailto:debora.amorim@upe.br)

## RESUMO

O presente estudo discute a cultura Iorubá no contexto do gênero *PodCast*. A investigação desenvolveu-se a partir da análise temática do *PodCast* intitulado: “Mitologia Iorubá”, do canal Horizonte da Comunicação, sendo uma produção constituída por uma série de episódios formando uma sequência de *PodCasts* intitulada: “Mitos que rodeiam a história da humanidade”. Sendo assim, consideramos a análise do objeto em questão, a partir de três categorias iniciais: (1) suporte, (2) objetivo e (3) modal. Fundamentamos teoricamente nossos estudos em Marcuschi (2008), Oliva (2005), Schneuwly e Dolz (2004) e Ribeiro (1996). Compreendemos a partir do analisado que o gênero em questão pode colaborar para a difusão da cultura africana a partir das mídias sociais e também ser instrumento pedagógico para o trabalho de docentes em sala de aula.

**Palavras-chave:** Cultura Iorubá; PodCast; Gênero na interface.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente texto surge da necessidade de se investigar a cultura Iorubá no contexto do gênero *PodCast*, considerando a potência dos elementos de composição, conteúdo e estilos presentes na construção e realização do gênero.

Como estratégia metodológica, o estudo analisou a temática “Mitologia Iorubá”, do canal Horizonte da Comunicação, apresentada pelo *PodCast* “Mitos que rodeiam a história da humanidade”, disponível nos principais agregadores hospedeiros. Tal escolha se deu pelos entrelaçamentos do gênero com a temática, que se dirige na exaltação das diferentes manifestações da cultura Iorubá.

Realçamos a relevância da discussão aqui apresentada tecendo diálogo com questões sócio-históricas, políticas e culturais do Iorubá e com as dimensões do gênero *Podcast*, que se apresenta como uma ferramenta pedagógica que pode colaborar para a difusão da cultura africana no trabalho de docentes em sala de aula, no contexto de pandemia da COVID-19.

Apresentamos este artigo como uma discussão inicial sobre o tema e convidamos os/as leitores/as a contribuírem com o debate e a ampliarem a reflexão sobre o objeto em curso. Como organização para essa proposta, inicialmente fazemos o diálogo teórico entre dimensões da cultura Iorubá e o gênero *PodCast*, em seguida, apresentamos uma análise inicial do objeto deste texto e encerramos com um convite para novas investigações.

## 2. CULTURA IORUBÁ: CARACTERIZAÇÕES

Uma vez que este artigo toma o gênero *Podcast* como ferramenta para tratar da cultura Iorubá é necessário que falemos um pouco sobre as tradições desse povo. Para atender o escravismo, o tráfico negreiro diluiu através do processo de miscigenação e transculturação e a identidade dos povos africanos, que apesar de ser um vasto continente, apresenta uma geografia em blocos unidos e possui uma grande diversidade cultural, linguística e política.

Não existe uma África única, existem originariamente os povos africanos, que constituem etnias historicamente colaboradoras das demais civilizações. Neste artigo, destacamos o segmento étnico *Iorubá*. Segundo Riberio (1996), os *Iorubás* da Nigéria contribuíram significativamente

à cultura brasileira, embora a palavra *lorubá* no Brasil, com exceção de grande parte dos iniciados ao candomblé, seja quase desconhecida.

Ainda que exista um considerável número de autores/as brasileiros/as e estrangeiros/as empenhados/as na tarefa de apresentar ao mundo a cultura *lorubá*, por meio de um projeto coletivo de construção de conhecimento, é lamentável a grande carência de informações a respeito dessa cultura e de suas raízes históricas em África. Sendo assim, de acordo com Ribeiro (1996):

O território lorubá expande-se pelos países Nigéria, Togo e República do Benin (antiga Daomé). Da diversidade observável na África tem sido enfatizado o aspecto negativo. No entanto é necessário que se reconheça as diferenças culturais aí encontradas como preciosa fonte de enriquecimento da herança humana. Papel relevante compete às escolas no sentido de reincorporação da memória cultural africana na memória cultural humana, para que crianças e jovens das Américas possam (re)conhecer a participação dos povos africanos na história da humanidade e não sejam levados a crer que essa história tenha sido construída apenas pela Europa, quando muito, auxiliada pelas Américas. (RIBEIRO, 1996, p.17)

A cultura *lorubá*, segundo Ribeiro (1996), representa uma das mais belas expressões da concepção de ser humano e de universo. Pois nesta cultura, rica em sincronismo, o visível manifesta o invisível e o sagrado permeia todos os setores da vida, pois uma força, poder ou energia está em tudo e o universo africano passa a ser considerado uma grande tapeçaria. A vida é apresentada como um ciclo, iniciado pela infância, passando pela vida adulta, velhice e atravessando o portal da morte até alcançar a condição do antepassado, que renascerá reiniciando este ciclo.

A tradição oral constitui uma das três principais fontes do conhecimento histórico da África. Nela se apresenta o tempo e os acontecimentos nele transcorrido e suas memórias. O tempo mítico na cultura iorubá representa o tempo fabuloso do princípio. A mitologia narra como uma realidade passou a existir por entes sobrenaturais e ao invocar a presença dos personagens mitológicos escapa-se do tempo profano e cronológico e entra-se no tempo sagrado.

Dentro deste contexto, adquirir o conhecimento da tradição oral na língua *lorubá*, para realizar as evocações e a correta realização dos rituais, garante a transcendência do tempo cronológico ao tempo sacro.

Daí a importância de se manter as tradições e ancestralidades da cultura *lorubá*.

Entretanto, o tempo mítico opõe-se ao tempo social. De acordo com Ribeiro (1996), a atividade econômica elementar não cria a necessidade de tempo demarcado. Neste caso, os calendários são subordinados aos fenômenos naturais e aos movimentos dos animais. Sendo assim, o tempo é dividido em unidades com base em atividades humanas.

A autora ressalta que o trabalho é uma mistura de atividades, cantos e conversações, constituindo, por vezes, um ato religioso:

Os meses, as estações e as sequências anuais são geralmente definidos pelo ambiente e as atividades que dele dependem. A semana é determinada por um ritmo social, como, por exemplo, a periodicidade dos mercados, que acha-se associada, em muitos casos, a uma periodicidade religiosa. (...) Em alguns lugares, como entre os adeptos das religiões tradicionais na savana sudanesa, por exemplo, a contagem em anos é feita pelo número de estações chuvosas. Para indicar que um homem é idoso fala-se do número de estações das chuvas que ele viveu ou, fazendo uso de uma imagem, diz-se que ele bebeu muita água (RIBEIRO, 1996, p.29)

A região onde hoje é localizada a Nigéria, berço da etnia *lorubá*, sofreu intensas transformações motivadas por migrações, conflitos, redes comerciais, entre outros fatores internos e externos. Nessa dinâmica, esses fatores podem ser apontados como elementos presentes na construção de características próprias desta sociedade.

De acordo com Oliva (2005), a presença dos *lorubás* remonta o primeiro milênio da era cristã, entre os séculos XVII e XIX, que mesmo sobre a influência político/religiosa de *Ifé*, os grupos de língua *lorubá*, organizavam-se em Cidades-estado, independentes e com relações comerciais entre si, porém, sem nunca terem criado um império ou estado unificado.

A colonização desencadeou dificuldades e desigualdades econômicas, mudanças nas relações cotidianas na economia e política, fortes reações étnico-religiosas e alterações nas estruturas do pensamento e dos padrões de estética e arte, sucumbindo a elementos oriundos das tradições presentes por lá há séculos.

Para Oliva (2005), acerca da herança colonial inglesa, a cultura *lorubá* revela o quanto o passado luta para se manter vivo:

É certo, no entanto, que no decorrer dos séculos XIX e XX, aspectos sociais, políticos, culturais, religiosos e familiares foram alterados pela ação de missionários, administradores, comerciantes e pelo processo de formação do Estado nacional nigeriano. Juntamente com os haussás, fulanis, igbos e outras dezenas de grupos, os iorubás se converteram parcialmente ao cristianismo e ao islamismo, sendo que oficialmente, apenas 10% das pessoas se identificam como adeptas das chamadas “religiões tradicionais” africanas daquela área, o que não significa um dado absoluto ou confiável. Mesmo assim, o novo e o tradicional caminham por trilhas bastante próximas na África e determinam um esforço sempre contínuo de decifrar o passado na busca de um entendimento mais revelador do presente. (OLIVA, 2005, p.148)

A identidade *lorubá* se formou, apesar de diferentes povos fazerem parte da sua composição, devido ao uso da mesma língua e das pressões sofridas por alguns reinos presentes no Golfo da Guiné, a partir do século XVIII. Segundo Oliva (2005), diante dos esforços dos próprios lorubás em se defender da ação escravagista de europeus e do reino do Daomé.

Podemos comparar a formação desta identidade com a própria formação do povo brasileiro sendo plural e ao mesmo tempo singular, ou seja, produto de combinações sócio-culturais. Contudo, a distinção pela língua e a origem comum dos povos *lorubás*, leva a pensar em uma única identidade. Apesar das semelhanças, possuíam diferenças que atrapalhavam o contato com os europeus.

Conforme retrata Oliva (2005), para evitar a necessidade de se ensinar a bíblia em vários idiomas, para facilitar, esquecendo as diferenças e maximizando as semelhanças, criou-se a ideia de uma língua só. Desta forma, a língua falada por parte das sociedades ali estabelecidas, chamada de lorubá, se tornou um dos elementos mais usados pelos europeus para conceder aos grupos da região uma mesma identidade.

Nessa perspectiva, ao tratar a respeito da cultura *lorubá* é necessário apontar o percurso que levou à diáspora africana. Entendemos a diáspora como um processo de dispersão de africanos/as para as diversas regiões do mundo, ocasionada principalmente pelo tráfico atlântico. Esse é um processo social e econômico, mas também cultural e político, na medida em que estabelece a recriação de identidades africanas nas Américas e em outras partes do mundo onde vivem africanos/as e seus/suas descendentes.

A expansão do Império português, justificada pela propagação da fé católica, foi baseada nessas concepções hierárquicas. As guerras contra os muçulmanos no norte da África, no século XV expandiram a instituição da escravidão. Assim, a descoberta das rotas marítimas do Atlântico e a colonização do Novo Mundo marcaram e transformaram a história do homem [mulher] na Idade Moderna. Enquanto a escravidão gradativamente desaparecia do continente europeu, o tráfico atlântico criava novas formas de exploração no continente africano e introduzia a instituição da escravidão nas Américas. (DANTAS; MATTOS; ABREU, 2012, p. 13)

A partir disso, segundo afirmam Dantas; Mattos; Abreu (2012), “o tráfico atlântico se constituiu como a maior migração forçada da história. Começou no final do século XV e durou até meados do século XIX.” Nesse período, aproximadamente 12,5 milhões de africanos/as foram embarcados/as e um pouco menos de 11 milhões chegaram às Américas, sendo que 40% tiveram como destino o Brasil. Os ingleses, holandeses, franceses e portugueses, foram os responsáveis pela organização da maior parte dos navios negreiros.

Nessa perspectiva, a partir do discutido, compreendemos a relevância de resgatar a cultura e a língua iorubá como elementos constituintes da identidade brasileira. Assim, a escola, os meios de comunicação e informação e as mídias digitais podem colaborar com a promoção dessa cultura. A partir disso, o presente estudo analisou um *PodCast* que aborda a cosmologia iorubana em uma perspectiva de resgate cultural e de manutenção das tradições orais da sociedade *Iorubá*.

Diante da riqueza dessa cultura, é importante criar estratégias, no ambiente escolar, de acesso a essas informações para que possamos contribuir com a desconstrução de preconceitos alimentados ao longo de geração. Nessa direção, o *PodCast* se apresenta como uma ferramenta viável.

## 2.2 PODCAST: CARACTERIZAÇÃO DA FERRAMENTA DIDÁTICA

Os *podcasts* são arquivos de áudios sob demanda que se popularizaram no mundo. Embora tenham se tornado mais conhecidos nos últimos anos, os *podcasts* já existiam há algum tempo e no Brasil seu uso não é tão novo. Seu precursor no país foi o blogueiro Danilo Medeiros, que

queria oferecer em sua página um conteúdo diferente em uma época em que os *blogs* estavam em grande evidência. Foi assim que, em vinte e um de outubro de dois mil e quatro, foi criado o primeiro *podcast* brasileiro, o *Digital Minds*. A junção das palavras *Ipod* - dispositivo de áudio da *Apple* - e *Broadcast*, que em inglês significa transmissão, deram origem ao termo *Podcast*.

Considerando a demanda para a educação, o *podcast* se apresenta como o produto que pode atender a diferentes objetivos. Neste caso, ele pode ser considerado tanto um instrumento para o ensino, quanto um objeto de aprendizagem. Reiterando que o *podcast* não é simplesmente um arquivo de áudio, chegamos a premissa de que o *podcast* é um gênero na *interface* da oralidade e da escrita.

Nessa perspectiva, Marcuschi (2008) aponta que:

[...] desde que não concebamos os gêneros como modelos estanque nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas da ação social (Miller, 1984) corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como entidades dinâmicas, cujos limites e demarcação se tornam fluidos". (MARCUSCHI. 2008, p. 151)

Assim, a partir disso, percebemos a caracterização do gênero a partir de uma perspectiva diretamente relacionada às práticas sociais dos sujeitos. Assim, Miller (1984) aponta que "gêneros são uma forma de ação social. Um artefato cultural importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade".

A partir disso, segundo Schneuwly e Dolz (2004), ao tratar os gêneros como instrumentos que podem ser fator de desenvolvimento das capacidades individuais, pensamos na produção do *podcast* e todo seu aparato textual. De acordo com os autores, os gêneros são elaborados em determinadas esferas onde acontecem interações sociais e se caracterizam por três elementos: conteúdo temático, a esfera de circulação de acordo com a necessidade da temática, o conjunto de participantes e interação do locutor. Neste processo, podemos encontrar diferentes textos que irão dar subsídio ao gênero *podcast*, que enquanto gênero não é algo exclusivo do ensino da linguagem escrita e oral, até porque há transversalidade de temas em sua composição.

De certo modo, de acordo com os autores supracitados, o gênero pode ser escolhido por parâmetros, ou base de orientação para uma ação discursiva (finalidade, destinatário, conteúdos), que provém de



uma esfera de troca, considerando que, de certo modo, eles têm uma estrutura definida por sua função, caracterizadas pelo que chamam de plano comunicacional. Sendo assim, os autores ao definir o instrumento enquanto gênero, estão fundamentando a compreensão de que o *podcast* se evidencia como gênero através do argumento de que:

Há visivelmente um sujeito, o locutor-enunciador que age discursivamente numa situação definida por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento que aqui é um gênero, instrumento semiótico complexo, isto é, uma forma de linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos. (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004, p. 25)

Para entendermos o *podcast* é importante organizar a sua produção em quatro etapas: planejamento, gravação, edição e publicação. Mas é na primeira etapa que encontraremos os elementos constitutivos do gênero.

Em primeiro lugar é necessário definir o tema e o conteúdo. em seguida definir o público (esfera social), depois definir o formato (bate-papo, mesa redonda, debate, informativo, entrevista, dissertativo, *storytelling*, entre outros), os sujeitos (convidados/as), a contextualização do tema (descrição de um cenário com a voz, as trilhas e os efeitos sonoros) e criar uma personalidade (uso de frases de efeito e jargões) e um roteiro (vinheta de início, vinheta transitória e vinheta de encerramento; apresentação dos/as locutores/as e do tema; introdução; *checklist* do conteúdo; fechamento).

O Podcast, portanto, é uma ferramenta importante para discutir a respeito de diferentes conteúdos, dentre eles, o da cultura lorubá. A partir dessa compreensão, desenhamos nosso trabalho a partir da metodologia apresentada a seguir.

### 3. METODOLOGIA

O presente estudo desenvolveu-se a partir da análise temática do *PodCast* intitulado; “Mitologia *lorubá*”, do canal Horizonte da Comunicação, sendo uma produção constituinte de uma série de episódios formando uma sequência de *PodCasts* intitulada: “Mitos que rodeiam a história da humanidade”. O suporte para a divulgação do gênero é a plataforma de *Streaming* (distribuição digital de conteúdo multimídia através da Internet) no *Spotify*. Esse *podcast* destina-se ao público voltado para

ciências humanas, arte e cultura. A modalidade é oral, na interface da escrita, e apresenta elementos específicos que consideramos aqui como o desdobramento das categorias estabelecidas inicialmente.

O episódio analisado, tem como objetivo apresentar um resumo da mitologia *Iorubá*, destacando a integração do conjunto de crenças da e sua matriz religiosa com o candomblé no Brasil, assim como a narrativa de tradição oral que descreve a organização social das várias etnias Iorubás. A descrição do *podcast* apresenta a mitologia *Iorubá* como originária da Nigéria, que deu margem para a criação do candomblé no Brasil. Rica em lendas, que tem a função de normatizar o comportamento pessoal e coletivo.

Para análise do objeto em questão, estabelecemos três categorias iniciais: o conteúdo temático; a composição e (Schneuwly; Dolz 2004). Para tanto, fez-se necessário organizar uma ficha técnica com identificação do título, descrição do episódio, da área a que se destina e do tempo. Para melhor entender o objeto deste artigo, destacamos os elementos da categoria, bem como as principais características que serão estudadas a partir dos trechos selecionados.

Na análise, utilizamos extratos das falas para exemplificar as categorias analisadas, sob a ótica qualitativa (MINAYO, 2012). Posteriormente, estabelecemos o diálogo com a teoria abaixo apresentada.

#### **4. CULTURA IORUBÁ NO PODCAST: ANÁLISE DOS DADOS**

Envoltos/as na descrição e análise dos dados, observamos o seguinte cenário:

No que tange ao conteúdo temático, o *Podcast* em análise apresenta a origem, os fundamentos e a diáspora da mitologia Iorubá. A discussão se encaminha para uma reflexão sobre a diáspora das culturas africanas que estão diretamente ligadas ao nascimento das identidades latino-americano-africanas, tendo em vista, os séculos de escravidão nas américas, o tráfico atlântico e a exploração sistemática dos territórios africanos. Nessa direção, a discussão sobre a cultura Iorubá contribui para a quebra do racismo estrutural fundante da sociedade brasileira e de diversas outras sociedades (RIBEIRO, 1996, p.17).

No que diz respeito a composição do texto, segunda categoria destacada neste gênero, percebemos uma alternância entre texto descritivo/dissertativo e contos de tradição oral, evidenciando uma fluidez das tipologias textuais (MARCUSCHI, 2008) ou mesmo um diálogo entre capacidades de linguagem distintas (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Esse movimento em que o/a locutor/a alterna os textos, possibilita desenvolver, ora um relato minucioso com impressões sobre o tema, ora um enredo, com pontos de vista, por meio de uma narrativa cujos personagens são divindades africanas. A descrição do trecho a seguir, traz um ponto de vista acerca da mitologia *iorubá* em comparação às outras mitologias mais popularizadas.

“Acho que podemos entrar num consenso antes da gente falar sobre a mitologia africana, que... em geral sabemos pouco sobre a mitologia africana. Conhecemos a Zeus e deus muito bem... Thor e Loki estão aí se degladiando em batalhas de milhões de dólares. Mas, se formos parar para ver, conhecemos muito pouco sobre os orixás de religiões africanas. Uma lemanjá ali, um xangô aqui, salve Jorge ao fundo, Jorge esse que não deixa de ser Ogum” [...]

**Fonte: PodCasts “Mitos que rodeiam a história da humanidade” (2021)**

Quanto à narrativa dos contos da mitologia, percebemos que o locutor se coloca como narrador, apresentando um contexto desenhado oralmente com linguagem simples, cuja transmissão de ensinamentos e memórias evidenciam fundamentos da cultura dos povos africanos. Trata-se de uma tradição oral milenar, e portanto, de autoria desconhecida.

“Aqui nós também viemos do Barro, no princípio, Olorum, o ser supremo governa orum, o céu, e a terra não era nada mais do que imensidão de pântanos, governada por olokum, a grande mãe, Guardiã da memória ancestral. Então Obatalá, a divindade da criação, teve a ideia de colocar a terra sólida sobre os pântanos instruídos por Orumila, uma divindade das profecias e destino. Obatalá trabalhou 4 dias e construiu aiê, o nosso mundo com montanhas, campos e vales, para que o novo lugar tivesse vida, Olorum criou o sol enviou uma palmeira de dendê e fez chover para que as árvores brotassem. Surgiram as florestas e os rios, Obatalá criou o homem [mulher] a partir do ferro e depois da madeira, mas ambos eram rígidos demais. Criou o homem da pedra, mas era muito fria. Tentou a água, mas o ser não tomava forma definida, tentou o fogo mas a criatura se consumiu no próprio fogo, fez um ser de ar, mas depois de pronto retornou ao que era, apenas ar. Tentou ainda o azeite e o vinho, sem êxito.” Triste pelas suas tentativas infecundas, Obatalá sentou-se à beira do rio de onde Nanã emergiu indagando sobre a sua preocupação, Obatalá fala sobre o seu insucesso, Nanã mergulha e retorna da profundidade do rio e lhe entrega lama, mergulha novamente e traz mais lama, Obatalá, então, cria o homem [mulher] e percebe que ele é flexível, capaz de mover os braços, os olhos, as pernas e então sopra-lhe a vida” [...]

**Fonte: PodCasts “Mitos que rodeiam a história da humanidade” (2021)**

A terceira categoria observada diz respeito ao emprego de elementos não linguísticos, especificamente os meios paralinguísticos. Destacamos acima um desenho oral da contextualização dos contos de tradição oral, que no gênero *podcast*, além do uso da fala, ocorre por meio dos recursos sonoros. Neste *podcast*, o *podcaster (apresentador)* se utiliza de uma trilha sonora com batucques de tambores e outros instrumentos de percussão, causando um ambiente sonoro que nos remete a vivência atemporal dos contos apresentados. Além da trilha sonora, o *podcaster* também utilizou estratégias para mudança de cenário em determinados trechos, através do aumento de volume da trilha sonora. Essa estratégia tornou desnecessário o uso de vinhetas, recurso muito presente nos *podcasts*.

Em texto oral, os meios não-linguísticos exercem funções importantes que possibilitam expressar variações de significado do enunciado (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). No *podcast*, os meios cinésicos - relativos a postura física, movimentos de braços ou pernas, gestos, olhares, mímicas faciais - não podem ser observados por se tratar de um gênero predominantemente oral e não visual. Daí a presença dos meios paralinguísticos, que conseguem transmitir aspectos não verbais que acompanham a comunicação verbal, como o tom e volume da voz, ritmo da fala, pausas, pronúncias e outras características que transcendem a fala.

No trecho em que apresenta o tema, o locutor utilizou a fala pausadamente, enfatizando as palavras “mitologia” e “iorubá”. Infere-se que a fala pausada na apresentação do tema é a estratégia adotada para o destacar. No decorrer do texto oral, o locutor faz pausas breves, quando pretende mudar de argumento e, dentro dos trinta e três minutos de áudio, percebemos essa tática de maneira involuntária, apesar do ritmo e velocidade constante.

“Como sabemos, estamos na segunda temporada do trânsito da comunicação e essa temporada é exclusiva para falarmos sobre mitos que rodeiam a história da humanidade e a história mitológica de hoje é sobre mitologia iorubá. [pausa] Acho que podemos entrar num consenso antes da gente falar sobre a mitologia africana, que em geral sabemos pouco sobre a mitologia africana.”

**Fonte: PodCasts “Mitos que rodeiam a história da humanidade” (2021)**

Outro elemento paralinguístico corresponde ao prolongamento de sílabas. Por vezes há um prolongamento silábico que dá ideia de reflexão.

“Maaaas, se formos parar para ver, conhecemos muito pouco sobre os orixás de religiões africanas.”

**Fonte: PodCasts “Mitos que rodeiam a história da humanidade” (2021)**

Diante das categorias analisadas compreendemos que o uso do Podcast realça a interação sócio-discursiva, em que a linguagem se estabelece na troca entre os sujeitos. Entendemos que o podcast analisado traz um tema pertinente para a educação por se adequar às exigências da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes públicas e particulares e ter esta premissa em seu objetivo. Entretanto, realçamos que apenas falar sobre a mitologia iorubá não deve ser usado como única ferramenta para o trato com o tema, e a valorização da referida cultura.

Diante disto, o que considerar no uso do *podcast* para a aplicabilidade didática? Em primeiro lugar a clareza do objetivo, em seguida, a pertinência do tema, já analisado no desdobramento. Sendo assim, para proporcionar práticas de reflexão e de uso é preciso se ter compreensão geral do gênero, uma investigação do conteúdo apresentado e uma sistematização da produção do gênero para que haja uma ruptura do preconceito e racismo estrutural (MARCUSCHI, 2001).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a aplicabilidade didática do *podcast* “Mitologia Iorubá” pode promover as mudanças de discursos e comportamentos por meio da construção de novos saberes sobre a origem, fundamentos, diáspora e organização social das várias etnias iorubás, compreendemos, com o resultado das análises realizadas para este estudo, as dimensões dialéticas e históricas presentes nos instrumentos coletivamente produzidos, neste caso os gêneros textuais orais e escritos.

A partir das propriedades e dos efeitos das atividades comunicativas no plano funcional, há possibilidade de acordos estruturantes das atividades coletivas complexas. Isso só é possível por meio das práticas de reflexão e práticas de uso, projetando o gênero oral, neste caso o podcast, como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os aspectos, como um meio de expressão dos indivíduos que também vivem em uma sociedade diversificada culturalmente.

## REFERÊNCIAS

BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 2012.

DANTAS, Carolina Vianna, Hebe MATTOS e Martha ABREU. **O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Ed., 2008.

MITOLOGIA IORUBÁ. Horizonte da Comunicação: *Spotify*, junho de 2020. *Podcast*. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/5BvtaRkhANW-FUiRoWkaXal?si=LNm7wDfQZu1Ua7UZoCfGw&utm\\_source=whatsapp&dl\\_branch=1](https://open.spotify.com/episode/5BvtaRkhANW-FUiRoWkaXal?si=LNm7wDfQZu1Ua7UZoCfGw&utm_source=whatsapp&dl_branch=1). Acesso em: 27 de setembro de 2021.

MILLER, C. R. **Genre and the New Rethoric.** London: Quartely Journal of Speech, 1984.

MINAYO, M. C. S. O desafio da Pesquisa Social. In: DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A Invenção dos Iorubás na África Ocidental: reflexões e apontamentos acerca do papel da história e da tradição oral na construção da identidade étnica. 2005.** Estudos Afro-Asiáticos, Ano 27, nos 1/2/3, Jan-Dez 2005, pp. 141-179. <http://www.africaeaficanidades.com/>

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização de R. H. R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Alma africana no Brasil: os iorubás.** Editora Oduduwa: São Paulo, 1996.